

## A velocidade nas transmissões psíquicas

José Artur Molina<sup>1</sup>

Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis

**RESUMO:** O aparelho psíquico não é nada psíquico no sentido histórico. Trata-se de um dispositivo com forma de operação definida, sendo regido por leis. A expressão psíquica é sempre virtual, o que implica numa distorção em todos os casos, obedecendo à metáfora do mecanismo de refração. As consequências desta posição terão repercussão tanto na velocidade da energia como nas densidades correspondentes em cada meio. O aparelho psíquico tem um valor de estrutura.

*Palavras-chave:* psicanálise; psíquico; censura; virtual.

O livro "A interpretação dos sonhos" de Freud (1900) não é apenas uma teoria dos sonhos, mas a apresentação de um aparelho psíquico e sua topologia. Trata-se de uma investigação não só sobre os sonhos, mas também do sintoma que, para Lacan, ambos teriam uma vinculação com a linguagem: "... a estruturação se revela a mesma - ela põe em jogo a estrutura da linguagem em geral, e mais exatamente a relação do homem com a linguagem" (LACAN, 1955, p. 159).

Apesar deste vínculo, sonhos e sintomas não são a mesma coisa:

Freud, na *Traumdeutung*, insiste sobre o parentesco do sonho com o sintoma neurótico, mas também sobre a diferença entre eles. O processo do sonho é exemplar para entender o sintoma neurótico, mas ele mantém uma diferença econômica absolutamente fundamental entre sintoma e sonho. Em comum eles têm apenas uma gramática. Trata-se de uma metáfora, não tomem isto ao pé da letra. Eles são tão diferentes quanto um poema épico e uma obra sobre termodinâmica. O sonho permite apreender a função simbólica que está em jogo e, a esse título, é capital para entender o sintoma. Mas um sintoma está sempre inserido num estado econômico global do sujeito, enquanto o sonho é um estado localizado no tempo, em condições extremamente particulares. O sonho é apenas uma parte do sujeito, enquanto o sintoma se esparrama em diversos setores. Os processos são mais análogos do que idênticos (LACAN, 1955, p.157).

---

<sup>1</sup> Mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidad Complutense de Madri, doutorando do curso de psicologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis. Psicólogo e professor da Universidade Estadual de Maringá.

O sonho interessa para Freud no sentido de uma mensagem, um texto. “Não é tudo o que há no sonho o que interessa, mas unicamente o elemento semântico, a transmissão de um sentido, uma fala articulada, o que se denomina os pensamentos, *Gedanken*, do sonho (LACAN, 1955, p. 162)”.

É curioso que mesmo o sonho sendo considerado uma mensagem Freud se detém diante do esquecimento. Aquilo que parece um paradoxo se resolve colocando o esquecimento como parte da mensagem. A mensagem como discurso interrompido e que insiste, inclusive na modalidade da dúvida. Neste ponto Lacan nos adverte que estamos chegando próximo ao conteúdo do Além do Princípio do Prazer e do Automatismo de Repetição.

### ***O não psíquico***

Os pensamentos oníricos não são da ordem do psicológico, mas de outra ordem.

Todo lo que puede ser objeto de nuestra percepción interior es *virtual*, como la imagen dada en el telescopio por la propagación de los rayos de luz. Pero a los sistemas, que a su vez **no son nada psíquico** y nunca pueden ser asequibles a nuestra percepción psíquica, estamos justificados en suponerlos semejantes a las lentes del telescopio, que proyectan la imagen. Prosiguiendo este símil, la censura situada entre dos sistemas correspondería a la refracción de los rayos en el pasaje a un medio nuevo (FREUD, 1901, p. 599).

Não estamos, portanto falando do que se percebe (campo do psicológico, definido no espaço-tempo, na história), mas como se percebe (campo da estrutura). O aparelho psíquico de Freud não é psíquico. Ponto fundamental da leitura aguda de Lacan do texto freudiano. Porque para Lacan “as metáforas de Freud são preciosas”.

É justamente o que estou lhes dizendo - o lugar psíquico de que se trata não é psíquico, é, mera e simplesmente, a dimensão simbólica, que é de outra ordem (...); Ele (o sonho) se situa e se define num outro lugar, governado por outras leis locais, o lugar da troca simbólica, a qual não se confunde, embora nela se encarne, com a dimensão espaço-temporal na qual podemos situar todos os comportamentos humanos. As leis de estrutura do sonho, como as da linguagem, se inscrevem alhures, num outro lugar, quer o chamemos de psíquico ou não (LACAN, 1955, p. 170).

A metáfora da função de refração da censura nos obriga a definir o termo ótico. Refração refere-se à distorção que experimenta um determinado raio de luz ao passar de um meio a outro. O motivo desta distorção é atribuído a variação da velocidade da luz. “La experimentación demuestra que la luz de una determinada longitud de onda por ejemplo la amarilla producida por el vapor de sodio cuya velocidad en el vacío es de 299.792 km/h. se reduce a 225.300 km/h. en el agua, a 199.500 km/h en el vidrio crown y a 183.400 km/h en el sulfuro de carbono. Cuanto mayor es la densidad óptica de un medio, menor es la velocidad de la luz a su través (EFRON, 1969, p. 29)”. O índice de refração se define pela relação:

$$n = c/v$$

onde, **n** é o índice de refração; **c** é a velocidade da luz no vácuo ; **v** é a velocidade da luz no meio 2

Pode-se concluir que  $v = c/n$  ; portanto **v** será sempre menor do que **c**

A relação que pode estabelecer-se é a de que a velocidade no meio 1 corresponderia a velocidade da energia no ambiente Icc (vácuo ou espaço livre), móvel e, a velocidade da energia no ambiente 2, Prcc, seria sempre menor, energia ligada. Assim podemos dizer que a censura lentifica e a resistência abriga esta energia e lhe dá características próprias em função das condições do ambiente 2, expresso no seu índice de refração, **n**. Esta variação de velocidade é devida a uma diferença de densidade entre um meio e outro, isto é, o meio 1 teria uma densidade menor que a do meio 2. Nesta relação podemos afirmar que a diferença entre o mundo ICC e PRCC/CC é uma questão de densidade. Com isso o aparelho psíquico, proposto por Freud na primeira tópica, ganha uma forma maleável onde a circulação entre os dois meios não responderia a uma barreira de censura rígida, mas flexível, aproveitando-se das nuances e curvas que caracterizam a dinâmica psíquica.

### ***A censura científica***

A censura também é de outra ordem. Freud a coloca no lugar da lente colocada entre dois meios. Apesar do termo sugerir uma operação moral, não é disto a que nos referimos. A censura tem a função de refração, de distorção, de dar condições de virtualidade. É a resposta possível diante daquilo que fala da falta.

Para Lacan a censura é uma intenção. O sonho é uma mensagem. A censura sanciona o sonho. A censura é a intenção de uma mensagem.

O Sr. Valabrega coloca a censura e a resistência como sinônimos. A resposta de Lacan: Não, justamente, (a resistência) não é a censura. É, sim senhor, responde seu interlocutor. Uma vez mais Lacan insiste: Não, não é a censura. O dissentimento leva à argumentação capital deste capítulo.

Pois bem, a resistência, a função imaginária do eu como tal é isso - é a ela que está submetida à passagem ou a não passagem daquilo que tem de ser transmitido como tal na ação analítica. Este esquema expressa primeiro que se não houvesse interposição, resistência do eu, efeito de atrito, de iluminação, de aquecimento- tudo o que vocês quiserem - os efeitos da comunicação no nível do inconsciente não seriam apreensíveis (LACAN, 1955, p. 156).

A resistência está colocada na função imaginária do eu. Um efeito do eu. Em contra partida, a censura e o supereu estariam no campo da lei.

Ela faz parte do caráter interrompido do discurso (LACAN, p. 164)”. O que leva a Lacan postular que o discurso interrompido é efeito da lei na medida em que é

incompreendida. A lei determina que não se pode ignorar a lei. Mas a lei em sua totalidade não pode ser compreendida. “O homem se acha sempre na postura de nunca entender completamente a lei porque nenhum homem pode dominar em seu conjunto a lei do discurso (LACAN, p. 166).

A impossibilidade desta compreensão terá como consequência a questão de que ela nunca será assumida completamente.

Espero fazer-lhes sentir esta mola derradeira, inexplicada, inexplicável, onde a existência da lei se agarra. A coisa dura que encontramos na experiência é que lei, bem que existe. E é justamente o que nunca pode estar completamente acabado no discurso da lei - é este termo derradeiro que explica que haja uma (LACAN, p. 166).

A censura, como elemento imerso na linguagem, não se situa no plano do indivíduo nem no do sujeito, mas no campo do discurso: “... na medida em que como tal ele constitui sozinho um universo completo e que há ao mesmo tempo, algo de irredutivelmente discordante em todas as suas partes (LACAN, p. 168)”.

Assim aquelas manifestações psíquicas para além do simbólico implicariam numa velocidade impraticável para sua representação. O representável inscreve a libido num campo determinado, reduzindo sua velocidade. As novas sintomáticas, leia-se, pânico, transtornos alimentares, compulsões outras etc., seriam o resultado de uma velocidade da energia psíquica incontrolável. A expressão técnica de apalavrar estes fenômenos significa reduzir a velocidade da energia através de um discurso, inserindo-o no campo do simbólico. Nomear aquilo que vem a tona na forma de um afeto sem palavra.

A censura tem sua casa no simbólico, portanto estrutura pressões de energia em velocidade compatível a discursos.

A descoberta do inconsciente, tal como ela se mostra, no momento do seu surgimento histórico, com sua dimensão plena, é que o alcance do sentido ultrapassa infinitamente os sinais manipulados pelo indivíduo. Sinais, o homem solta sempre muito mais do que ele pensa. É disto que se trata na descoberta freudiana - de uma nova impressão do homem. O homem, depois de Freud, é isso (LACAN, p.158).

Molina, J. A. (2009). The speed in the psychic transmissions. *Revista de Psicologia da Unesp*, 8(1), 17-21.

**Abstract:** *the psychic tract is not at all psychic in the historical sense. It's about a gedgat with a defined operation form, governed by rules. The psychic expression is always virtual, involving a distortion in all the cases, obeying the mechanism of methafo's. The consequences of this position will be backwash as in the energy speed as in the density corresponding in each middle. The psychic tract a value of structure.*

**Key words:** *psychoanalysis, psychic, censure, virtual*

### **Referências**

- Efron, A. (1969). *El mundo de la luz*. México/Buenos Aires: Editora Centro Regional de Ayuda Técnica.
- Freud, S. (1974). *La interpretación de los sueños* (v. 5). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Lacan, J. (1992). *O seminário. Livro 2 - O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

*Recebido: fevereiro de 2009.  
Aprovado: junho de 2009.*